

Índice

Professor Vítor Aguiar e Silva, um Tributo	2
<i>In Memoriam</i> Professor Vítor Aguiar e Silva	4
Texto Literário, Ensino de Língua e Formação de Leitores	5
<i>In Memoriam: Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva</i>.....	6
Entre Artes.	7
<i>In Memoriam</i> Prof Vítor Aguiar e Silva	9
Vítor Aguiar e Silva e os Estudos Camonianos	11
<i>In Memoriam</i>	12
<i>In Memoriam</i>	13
Sobre a (Im)possibilidade de uma Poética Gerativa	14
<i>In Memoriam</i>	16
Uma Teoria Reflexiva	17
El Profesor Aguiar e Silva en la Memoria	19

Professor Vítor Aguiar e Silva, um Tributo

Carlos Mendes de Sousa

O *Centro de Estudos Humanísticos* da Universidade do Minho homenageia com o presente dossier o seu fundador, Professor Vítor Aguiar e Silva, que recentemente nos deixou. Criado por si em 1994, após uma reestruturação do *Centro de Estudos Portugueses*, que fundara em 1980, o CEHUM é um dos seus mais importantes legados.

Fui convidado pelo Professor Vítor Moura, actual director do *Centro de Estudos Humanísticos*, para participar na coordenação desta *Newsletter* que dá voz a colaboradores do CEHUM que, de formas diversas, acompanharam de perto a obra do Professor Aguiar e Silva.

Dois antigos directores do *Centro de Estudos Humanísticos*, Ana Gabriela Macedo e Orlando Grossegese, falam do trabalho de continuidade do projecto delineado por Vítor Aguiar e Silva e dos desafios enfrentados, reportando-se a algumas das traves mestras do Centro levadas a cabo pelo seu fundador. Concretamente, a constituição de uma admirável biblioteca, que em boa hora e com toda a justiça recebeu o seu nome; a criação da revista *Diacrítica*, “um dos rostos mais visíveis da investigação realizada no CEHUM”; a organização dos *Colóquios de Outono*, aglutinadores das diversas linhas de acção e dos grupos de pesquisa do Centro. Numa das suas mais recentes edições, o *Colóquio de Outono* de 2019, dedicado a Jorge de Sena, Vítor Aguiar e Silva apresentou uma brilhante e inesquecível conferência de abertura.

Bernard McGuirk e Tomas Albaladejo falam do privilégio que sentiram quando receberam o convite do Professor Aguiar e Silva para integrarem a Comissão de Aconselhamento do *Centro de Estudos Humanísticos*. Os seus testemunhos rememoram o convívio com o professor e mostram como a projecção internacional de Aguiar e Silva, “um intelectual imprescindível nos Estudos Literários e no pensamento actual”, teve reflexos na implantação internacional do CEHUM, cujo crescimento puderam acompanhar ao longo dos anos.

Muitos dos depoimentos aqui apresentados, a par do retrato do académico exemplar, não deixam de lembrar a “marca humana e pessoal” do professor, “sempre atento e apreciador dos desafios que as novas gerações lhe colocavam”, como observa Osvaldo Manuel Silvestre, num expressivo testemunho em que sublinha um aspecto central do magistério de Aguiar e Silva, ao oferecer aos jovens docentes e orientandos as melhores “condições para que eles pudessem voar por si mesmos.” Na mesma direcção, Rita Patrício apresenta um retrato, num tocante testemunho, focando o “olhar sereno e muito atento, que parecia medir palavras e silêncios”, um “olhar fulgurante, arguto, nas suas aulas, quando apresentava conferências, quando se entusiasmava em conversas, quando só ouvia e não dizia nada. Era o olhar de um leitor do mundo muito cuidadoso e vigilante.”

É difícil resumir a largueza da obra excepcional do Professor Aguiar e Silva, teórico da literatura, estudioso dos séculos XVI e XVII, autor de inigualáveis ensaios sobre Camões e de notáveis estudos sobre a Modernidade, sobre o ensino da literatura ou ainda sobre questões da política da língua portuguesa. A mais fulgurante inteligência, o inexcedível rigor e a elegância da escrita, perpassam em todas as suas páginas e espelham o seu mais fundo amor à literatura.

Investigadores do CEHUM (em muitos casos orientandos do Professor Aguiar e Silva) apresentam aqui breves sínteses sobre algumas das principais zonas de incidência do seu vasto legado ensaístico.

Para gerações sucessivas o nome do Professor Aguiar e Silva tornou-se indissociável, e mesmo sinónimo, da Teoria da Literatura. Sérgio Guimarães de Sousa sublinha o seu “papel fundador na legitimação científica deste domínio”, dando conta das razões da “impressionante magnitude do sucesso da *Teoria da Literatura*” entre nós e da sua projecção noutras latitudes. Importa relevar o facto destacado por Sérgio Sousa de esta obra seminal ser mais do que o “inventário de conceitos ou de sistematização teórica” e de constituir um lugar contínuo de problematizações e reposicionamentos. O último livro, *Colheita de Inverno*, constitui nesse caminho “a coroação de uma vasta e densa obra” sobre incessante procura das “condições de existência” do fenómeno literário.

A par da Teoria da Literatura, o nome do Professor Vítor Aguiar e Silva está indissociavelmente ligado ao campo dos Estudos Camonianos tendo-se tornado igualmente

referência incontornável neste domínio. Micaela Ramon apresenta uma síntese dos pontos chave da obra de Aguiar e Silva sobre Camões, desde a questão da fixação do cânone lírico ou da relevância concedida às “fontes manuscritas”, à “adoção de uma perspetiva comparatista face à poesia espanhola do mesmo período”, ao estudo da epopeia até à presença e “pertinência da poesia do autor nos programas escolares e universitários.”

Ana Maria Ribeiro assinala as reflexões de Aguiar e Silva sobre a política de língua e o ensino da literatura, especialmente plasmadas no livro *As Humanidades, os Estudos Culturais, o ensino da Literatura e a política da língua portuguesa* (2010), sublinhando as posições do professor sobre a centralidade do ensino do Português nos *curricula* do ensino básico e secundário e sobre o lugar primacial do texto literário nesta disciplina.

Uma das áreas que merece um particular destaque na obra de Aguiar e Silva é a sua reflexão sobre a Modernidade. Destaquem-se os seus importantes ensaios sobre o Modernismo e a Vanguarda publicados na revista *Diacrítica*. Isabel Cristina Mateus lembra o “diálogo plural do leitor ávido e inquieto” com os autores contemporâneos contido no ensaísmo do último livro *Colheita de Inverno*, cujo título aponta uma das linhas de força deste livro: “os sinais de uma crise cultural que, desde o último quartel do século XX, se tem vindo a adensar.”

Eunice Ribeiro releva uma área a que o Professor Aguiar e Silva prestou uma atenção pioneira, na sua prática lectiva e na sua obra: as relações da literatura com as outras artes. Destaca igualmente a inclusão dessa área no delineamento de planos curriculares – “ainda antes de se vulgarizarem nos currículos académicos nacionais as disciplinas de estudos interartes e intermediais, Aguiar e Silva criava uma disciplina de ‘Literatura Portuguesa e Outras Artes’”.

Pilar Barbosa debruça-se sobre o livro *Competência Linguística e Competência Literária – Sobre a Possibilidade de uma Poética Gerativa*, trabalho em que o Professor Aguiar e Silva estuda o conceito chomskyano de *Competência Linguística* e sua eventual extensão ao domínio da poética e dos estudos literários.

Agradeço à Professora Joana Aguiar e Silva a cedência de fotos do seu arquivo pessoal para serem reproduzidas no presente dossier.

***In Memoriam* Professor Vítor Aguiar e Silva**

Ana Gabriela Macedo

Tive o privilégio de privar com o Professor Vítor Aguiar e Silva, ao longo de vários anos, na sua qualidade de Director do *Centro de Estudos Humanísticos* da Universidade do Minho. Centro que fundou em 1994, ampliando e reestruturando inteiramente o inicial *Centro de Estudos Portugueses* (1980), diversificando as suas áreas de investigação em três vertentes distintas - Linguística, Literatura, Filosofia e Cultura, revelando o seu espírito profundamente inovador e audacioso em termos do impulso necessário a dar à investigação nas Humanidades no âmbito de um centro que crescia em número de investigadores e na diversidade multidisciplinar das respectivas áreas de pesquisa, indubitavelmente em expansão. A revista *Diacrítica*, que fundou em 1986 (reestruturando-a em 2003, nas três vertentes disciplinas referidas) e dirigiu durante longos anos, foi um dos rostos mais visíveis da investigação realizada no CEHUM, assim como o foi a criação dos *Colóquios de Outono*, em 1998, com o objectivo pioneiro e bem assente na nova realidade dos Estudos das Artes e Humanidades, de fomentar o diálogo interdisciplinar e a transversalidade da investigação realizada no Centro, em sintonia com o “ruído” do mundo ao seu redor, e não de costas voltadas para a “mundaneidade”, como escreveu Said. Foi precisamente aquando da realização do primeiro *Colóquio de Outono* (29 a 31 de Outubro de 1998), que teve por título *Caminhos e Horizontes da Teoria da Literatura Contemporânea*, tema de eleição do Professor Aguiar e Silva, que fui confrontada com um convite do Professor para apresentar uma comunicação sobre Estudos Feministas. Facto que muito me honrou, sendo que então os Estudos Feministas entravam timidamente na Academia em Portugal, como possível elemento suspeito e quiçá pernicioso para a “tranquilidade” académica. “Os Estudos Feministas Revisitados: Finalmente Visíveis?” foi o título dessa comunicação. As diversas actualizações da *Teoria da Literatura* do Professor Aguiar e Silva deram sempre conta dessa atenção do mestre às novas inflexões do fenómeno literário, seu contexto e suas derivas, no espírito visionário que o caracterizava. Tive ainda o privilégio de ser Adjunta do Professor Aguiar e Silva na Direcção do *Centro de Estudos Humanísticos* (2001) e partilhar com ele as preocupações pelo Centro e o seu crescimento, usufruindo da sua bonomia, experiência e grandeza do saber.

Até sempre, Professor Aguiar e Silva!

Texto Literário, Ensino de Língua e Formação de Leitores

Ana Maria Silva Ribeiro

“Deve haver no ensino da literatura uma arte de sedução e um subtil espírito de subversão que não são compagináveis com o terrorismo teórico, com a cartilha e com o caminho único.”

Académico de múltiplos interesses e inquietações, o Professor Aguiar e Silva em diversos momentos refletiu sobre o ensino da literatura. Esta é, de facto, uma questão recorrente em trabalhos seus publicados ao longo de cerca de 40 anos, arco temporal que atesta bem o relevo que concedia a este tema. O professor de Teoria da literatura não abstraía, assim, “a actividade teórica do seu entorno institucional, da sua lógica curricular, das suas incidências práticas, das suas responsabilidades na formação pedagógica e profissional dos alunos e nas suas articulações com a lógica, a dinâmica e os objectivos dos diversos segmentos do sistema educativo” (Aguiar e Silva, 2010: 217). Enfim, não alijava a sua “responsabilidade, directa e indirecta, em relação a uma área crucial do nosso ensino – a disciplina de Português” (Aguiar e Silva, 2010: 9). O próprio contexto histórico-social, com a massificação do ensino e, posteriormente, com a influência crescente das chamadas novas tecnologias, estimularia a sua intervenção. O mesmo se diga a respeito de polémicas como a que resultou da secundarização de *Os Lusíadas* na proposta de reforma curricular do ensino secundário em 2001.

Cargos como o de Coordenador da Comissão Nacional de Língua Portuguesa entre 1988 e 1992 ou o de responsável, juntamente com João Costa, pelo *Dicionário terminológico* (2008) resultante da revisão terminológica da TLEBS, atestam a autoridade que lhe era reconhecida em questões de (política de) língua e do seu ensino.

Da análise que faz dos programas de literatura portuguesa no ensino secundário em 1971 às respostas a um inquérito sobre “A poesia no ensino” (2002) desenha-se um projeto de sólidas traves mestras. Desde logo, como foi dito acima, a centralidade da disciplina de Português nos *curricula* do ensino básico e secundário, pois o domínio da língua materna é essencial para o sucesso escolar. O texto literário deverá ter um lugar privilegiado nos programas desta disciplina, relegando outros tipos de texto para segundo plano, já que é naquele tipo de texto, sobretudo quando é poético, que a língua tem as suas mais fulgurantes concretizações. Por outro lado, “os textos literários, exactamente por serem construídos na língua e com a língua, proporcionam uma modelização e um conhecimento insubstituível do homem, da vida e do mundo” (Aguiar e Silva, 2010: 252). A literatura é, por isso, um elemento fundamental do património humanista a que todos os alunos devem aceder. Do universo literário, deverão ser seleccionados os textos pertencentes ao “núcleo de *textualidade canónica*”, o que são significa ensinar história literária ou excluir autores contemporâneos das aulas de Português. Nelas deve ser feita uma utilização parcimoniosa, mas “com clareza e com rigor, [d]a terminologia das metalinguagens linguísticas e literárias” (Aguiar e Silva, 2010: 216), pois toda a leitura é também “uma viagem em última instância solitária, com a experiência vital de cada um, com a memória literária própria e intransferível, com as emoções, os sonhos e os fantasmas de cada um” (Aguiar e Silva, 2010: 216). O leitor é um elemento essencial neste processo e “formar leitores *para a vida*” (Aguiar e Silva, 2010: 213) deve ser o objetivo do ensino da literatura. Por fim, a abordagem do texto literário ficará enriquecida pela sua aproximação de manifestações artísticas como a música ou a pintura, assim como de textos literários provenientes de outras culturas, permitindo assim um alargamento de horizontes e a aquisição de um capital a que alunos provenientes de meios menos favorecidos não teriam acesso. Devidamente conduzido, com programas, cargas horárias, manuais e professores adequados, são múltiplas as portas abertas pelo estudo do texto literário.

Bibliografia

Aguiar e Silva, V. (2010). *As Humanidades, os Estudos Culturais, o ensino da Literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina

In Memoriam: Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva

Bernard McGuirk

In the tradition of the *Association of Hispanists of Great Britain and Ireland*, its President is elected for a two-year term of office, usually delivering the Presidential Address in the second year of tenure. The first year's opening plenary lecture is given by the officially nominated "President's Friend".

On receiving the recent and sad news of the loss of Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva, memories flooded back to my joy at his acceptance of the invitation for him to address, in mid-April 1997, at King's College, University of London, the members of the AHGBI. The subtle relevance of his chosen title to the designation of "President's Friend", in the light of the Association's enthusiastic response to the generous proposal of the Universidade do Minho to host its annual conference, for the first time, in Portugal, on the topic of *Raízes, Rotas, Reflexões*, the following year, amidst the commemorative quinqucentenary events of 1998, was as resonant then as it is today.

"O tema do *exclusus amator* na Lírica de Camões" will have inspired many, then and since, to meditate on the perennial interplay of love and friendship as expressed in and through the medium of lyric poetry. "Amor" in the original; "Amizade" in my now appropriation, prompts a calculated misreading of celebrated Camonian verses, a conscious swerve befitting my shift of subject noun in ever-respectful farewell to my friend Vítor Manuel. Thus, Amizade:

É um não querer mais que bem querer;
[...] é um cuidar que ganha em se perder.

Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei porquê.

O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

Over the quarter century and more of the generous embrace and unwavering hospitality extended to me, as to so many honoured guests, at the *Centro de Estudos Humanísticos*, and privileged to accompany the shared enterprise of watching its growth into an outstandingly successful nucleus of international research, I have not ceased to be astonished, and moved, by the imperishable mark and legacy of Professor Aguiar e Silva. The unrelenting rigour of his scholarship, intellect, and analytical prowess, all clothed in an attendant modesty, survive in a memory as recent as one's bathing in the glow of his 2019 magisterial *Colóquio de Outono* celebration of the work of Jorge de Sena.

In timeless passage from Renaissance to modern, and beyond the boundaries of national literatures, our debt, the debt of his students, colleagues, recipients all of that special gift of discreetly tendered "amizade", near and far, is unpayable, inexhaustible. From a Celtic fringe, and, again, in misprision and without anxiety, this time from Dylan Thomas, I borrow: "Do go gentle into that good night", Vítor Manuel. There will be no dying of your light.

Entre Artes. A Literatura como Convívio

Eunice Ribeiro

No amplo espectro da intervenção científica, pedagógica, educativa e cultural levada a cabo por Vítor Aguiar e Silva, ocupa um lugar especial a consideração da literatura nas suas fecundantes relações com as outras artes.

Esse pensamento relacional do literário, no cruzamento entre uma realidade linguística e os seus múltiplos prolongamentos e ressonâncias contextuais, reflete-se com muita clareza quer no seu posicionamento teórico e na crítica à *nova crítica* e a uma certa moda estruturalista obcecada com as abordagens intrínsecas dos textos literários; quer na sua ação educativa e no seu magistério enquanto professor universitário; quer ainda no seu exercício hermenêutico onde o rigor da análise filológica e a convocação sempre rigorosa e arguta dos instrumentos da semiótica verbal literária se conjugam regularmente com reflexões de alcance intertextual e comparativista. Reflexões onde reverberam, a um só tempo, o prazer do texto e a visão humanista, quantas vezes apaixonada e emocionada, da criação poética e artística.

O particular fascínio que votou à estética e à periodologia do Maneirismo e do Barroco — a que dedicou vários capítulos da sua emblemática *Teoria da Literatura* (1967) e a tese de doutoramento *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa* (1971) que apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — levaram-no, desde cedo, a ponderar a aplicação à literatura de conceitos e categorias oriundos da história da arte, cotejando regularmente o ofício de pintores e artistas com a de escritores e poetas. Um gesto que prolongou até à ‘revisão’ empreendida, com notável probidade intelectual, do seu pensamento teórico num ensaio de 2012, posteriormente recolhido no derradeiro volume publicado em vida, *Colheita de Inverno* (2020). Mas também, *e.g.*, a propósito de géneros literários, Aguiar e Silva advoga modelos de descrição e análise não confinados a condicionalismos arquitetuais, mas pelo contrário abertos a uma leitura histórica e culturalmente situada, assim como a um tipo de ‘conhecimento quente’, comprometido com as emoções e os afetos com que cada leitor responde à experiência do mundo, com o modo como incorpora no seu corpo, o corpo do texto, o seu ritmo, a sua música, a natureza visual da escrita.

É dentro deste paradigma epistemológico e hermenêuticamente poroso e dialógico, sempre atento à convivência entre as polimórficas manifestações da cultura e da criatividade humanas, que Vítor Aguiar e Silva pensou e praticou, com exemplar coerência, o ensino da literatura.

Na quarta das dez “Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português”, apresentadas em 1988 a um Encontro de Educação organizado no Porto e em Lisboa pela Porto Editora, Aguiar e Silva destaca a importância de um “adequado aproveitamento das possíveis articulações dos textos literários com textos pictóricos, com textos musicais e com textos fílmicos, por exemplo”. Dirigido a um público universitário, o manual de *Teoria e metodologia literárias* (1990), que publica nas edições da Universidade Aberta, dedica outrossim um capítulo às relações da literatura com as outras artes. E ainda antes de se vulgarizarem nos currículos académicos nacionais as disciplinas de estudos interartes e intermediais, Aguiar e Silva criava uma disciplina de ‘Literatura Portuguesa e Outras Artes’, cuja lecionação quis mais tarde confiar-me, incluindo-a no plano curricular do mestrado que fundou em *Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa* — o primeiro mestrado a ser oferecido na Universidade do Minho neste domínio de estudos e que ainda hoje sobrevive, após reestruturações de vária ordem, no atual *Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa*.

Conto-me, com orgulho, entre o vasto número daqueles a quem, sob a sua orientação e sob o seu estímulo, foi permitido investigar o literário a partir e para além da literatura, entendê-la no território aberto e plural da experiência humana, como um *modo verbal*, entre muitos, *de estar no mundo*, recordando aqui palavras de um poeta e de um outro camonista de génio que, com Vítor Aguiar e Silva, travou diálogos inesquecíveis. Sem que com tal abertura se reduzissem os textos às suas circunstâncias: “A grande poesia” — escreve Aguiar e Silva numa carta-ensaio que dirige a Albano Martins e que constitui também uma meditação em profundidade sobre a sua poética

interartística — “transcende sempre, numa logofania alquímica, as circunstâncias de que se alimenta”. Tínhamos, afinal, o melhor dos modelos: as muitas páginas de brilhante exercício crítico e hermenêutico que Aguiar e Silva dedicou a Camões, mas também a uma vasta galeria de autores de língua portuguesa de diferentes séculos, páginas onde se tecem finos equilíbrios entre erudição e indagação, racionalidade e fruição, os textos e a vida.

Nessa respiração livre, mas sempre lúcida e consequente, entre áreas do conhecimento, nesse entendimento dinâmico e holístico da literatura como espaço de passagens, convívios e correspondências que a constitui como ‘mundividência’ e condição do sentido da História e dos homens, se exerce a visão estético-político-cultural do literário de Vítor Aguiar e Silva, a sua oficina humanista, a sua luminosa lição de convergência.

A Universidade do Minho perdeu este mês de setembro um dos seus mais brilhantes *scholars*, a ELACH e o Departamento de Estudos Portugueses um dos seus mais distintos professores e o Centro de Estudos Humanísticos o seu fundador. Embora faltem ainda as palavras para dizer a perda e a profunda tristeza deste momento, é importante lembrar o imenso legado do Prof. Aguiar e Silva em várias áreas do saber: da teoria da literatura aos estudos literários, passando pelas suas reflexões “tempestivas” (para usar uma expressão sua) em torno ensino da literatura e pelo contributo pedagógico e exemplo ativo de cidadania cultural em torno da definição de uma política da língua portuguesa, desde logo enquanto membro do Conselho Nacional de Cultura, Presidente da Comissão Nacional da Língua Portuguesa, ou, como salienta a nota da Presidência da República emitida no dia do seu falecimento, enquanto impulsionador da fundação do Instituto Camões e membro do Conselho Geral.

Foram muitos os estudantes que, nas Universidades de Coimbra ou do Minho, mas também em Universidades estrangeiras, tiveram o privilégio de ser marcados pelo seu ensinamento e pelo seu iluminante saber em cursos de graduação e de pós-graduação, de com ele partilhar o fascínio da indagação teórica sobre o fenómeno literário em diálogo com saberes outros, da antiga Filologia à Linguística, da História e das Artes, à Filosofia, Sociologia, Antropologia, passando pelos Estudos Culturais e áreas emergentes como a Geopoética, numa incessante procura e abertura a novas formas de leitura ou interpretação. Porque para Vítor Aguiar e Silva a Literatura é não apenas um território sem fronteiras, mas ponte entre saberes e culturas, confronto de vozes, “arco de memória” feito de palavras e de imagens, uma das mais antigas e significativas possibilidades de experiência simbólica e antropológica.

Foram muitos os que, em Portugal ou no estrangeiro, puderam acompanhar as sucessivas reconfigurações dos estudos literários que a sua magistral *Teoria da Literatura* corporizou ao longo de mais de cinquenta anos e, sobretudo, descobrir o prazer da leitura e do encontro inesperado com vários autores, portugueses ou estrangeiros, a paixão pelo rigor e pelo conhecimento. Uma simples referência, uma breve passagem de um romance, um simples verso de um poema, lidos na sala de aula, eram o suficiente para que as palavras ganhassem densidade, brilho, despertassem a curiosidade de ir à procura de um encontro com o autor. Como aluna, foi assim que descobri autores tão distintos como Cortázar, Calvino, Jorge Luis Borges, Cervantes, Clarice Lispector, George Orwell, Ruy Belo, Herberto Helder.

No campo da Literatura, em particular, e para além do estudo inaugural *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa* (1971) que reconfigurou o conceito de “maneirismo” e de ensaios de referência no âmbito dos estudos camonianos — *Camões: Labirintos e Fascínios* (1994); *A Lira Dourada e a Tuba Canora: Novos ensaios camonianos* (2008) e de um fundamental *Dicionário de Luís de Camões* (2011)—, não é possível deixar de sublinhar a atenção que igualmente lhe mereceram autores do modernismo e da contemporaneidade, além da reflexão teórica em torno dos conceitos de Modernismo e Vanguardas. De Fernando Pessoa a Jorge de Sena, autor fora da caixa do meio académico português com quem Aguiar e Silva manteve um permanente diálogo em torno de Camões e a quem dedicou o conjunto de ensaios *Jorge de Sena e Camões. Trinta Anos de Amor e Melancolia* (2009). Se com Jorge de Sena aprendeu (como ele próprio reconheceria publicamente) um rigor metodológico aplicado ao ensino da literatura, com o poeta e ensaísta aprenderia também que a crítica literária é sempre matéria inconclusa porque inquietação permanente do homem e da vida, impossibilidade de imposição de um sentido definitivo. Assim como a afastar-se do dogmatismo das “múmiás camonistas” que dominavam no olimpo das cátedras vitalícias, da “literatura escravizada” por interesses carreiristas ou pela retórica mansa do pensamento dominante.

Colheita de Inverno (2020) é mais do que uma metáfora sazonal, com chave biográfica ou cultural. É uma tentativa de ler os sinais de uma crise cultural que, desde o último quartel do século XX, se tem vindo a adensar, mas é também o diálogo plural do leitor ávido e inquieto que Aguiar e Silva sempre foi com autores como David Mourão-Ferreira, Manuel Alegre (*Senhora das Tempestades* sairia com um prefácio seu, em 98), Vasco Graça Moura, Albano Martins,

Francisco d'Eulália, sem esquecer um poeta de eleição como Ruy Belo. Ou um ficcionista como Aquilino Ribeiro cuja voz de pedra ecoa ainda em *A Casa Grande de Romarigães*. Resistindo ao pessimismo e às nuvens, aos profetas do inverno das humanidades. Ele próprio lendo-se à distância no tempo, afirmando-o com convicção, com emoção e renovado espanto.

Recebeu várias distinções, entre elas a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública (2004) e o Prémio Vasco Graça Moura de Cidadania Cultural (2018), o Prémio D. Dinis (Vida Literária), ou o Prémio Camões, em 2020, que, em entrevista ao jornal “*Sol*”, admitiu, sem falsas modéstias, “trocar pelo Parnaso de Camões de que fala Diogo de Couto”. Isso seria, afirmou então, encontrar “o Graal da literatura portuguesa”. É esta paixão pelo saber, este trabalho lento, paciente e inquieto —por vezes, “intempestivo”— de leitura e reflexão crítica que gostaria de evocar como uma das grandes lições do Prof. Aguiar e Silva nestes dias velozes em que quantidade se confunde com qualidade e a tirania burocrática ameaça de extinção os ensaístas que se recusam a ser meros papagaios repetidores.

Em que canto da noite cantará agora o Professor? — apetece-me perguntar, pedindo emprestado um verso a Ruy Belo. Onde quer que cante, continuará a iluminar-nos com as palavras que nos deixou. A inquietar-nos o pensamento. E a pedir-nos que nunca deixemos de perseguir o Graal da poesia e da literatura, o canto eterno das palavras, de vozes outras, que um dia nos ajudou a escutar.

O legado intelectual, pedagógico e cívico deixado pelo Prof. Vítor Aguiar e Silva estende-se a diversos domínios das Humanidades, sendo consensualmente reconhecida a importância do seu pensamento e da sua produção teórico-crítica em áreas como a teoria da literatura, a história e a hermenêutica literárias, a política de língua e as questões relacionadas com o ensino da literatura e a sua presença nos currículos de diversos graus de ensino. Em todos estes campos interligados do saber, o brilhantismo da sua inteligência, a vastidão do seu saber, o rigor do seu método e o fulgor da sua erudição *conjuraram-se* para lhe garantir o justo apreço que lhe é votado e que em muito ultrapassa os limites do mundo de língua portuguesa.

Para falar do seu notável contributo para a configuração do que se designa por Estudos Camonianos, vale a pena recordar um artigo divulgado pela primeira vez numa coletânea de ensaios publicados no volume VII da *Santa Barbara Portuguese Studies*, em 2003, intitulado muito sugestivamente “Retrato do Camonista quando Jovem (com alguns pingos de melancolia)”. Neste texto de natureza autobiográfica, o Prof. Aguiar e Silva evoca a história da sua relação com a obra do *príncipe dos poetas portugueses*, delineando, do mesmo passo, o seu itinerário como camonista.

O primeiro grande marco desse percurso está associado à investigação que desenvolveu para a tese de doutoramento, defendida em 1972, e que deu origem à publicação da obra *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*, hoje uma raridade bibliográfica. Nesta obra, pela primeira vez na academia portuguesa, o autor defende a categoria estilístico-periodológica do Maneirismo, e a poesia de Camões como a sua principal materialização, ousando contrariar a hegemonia de pensamento que, na altura, identificava a literatura do século XVI com o Renascimento e com o Classicismo, apontando Camões como a figura estelar que melhor os representava.

Os contributos do Prof. Aguiar e Silva para o questionamento da tradicional forma de ler a obra de Camões muito se devem à capacidade que teve de interpretar e valorizar os estudos feitos por outros ensaístas (menos considerados ou mesmo desprezados no seu tempo), de entre os quais caberá destacar António Sérgio e Jorge de Sena. A concordância com as objeções levantadas por A. Sérgio relativamente às leituras biografistas (da lírica) e ufanistas (da épica), bem como a adesão à originalidade das abordagens de Sena podem ser identificadas em muitos dos seus ensaios críticos, recolhidos em obras de referência incontornável como *Camões: Labirintos e Fascínios* (1994), *A Lira Dourada e a Tuba Canora* (2008) e *Jorge de Sena. Trinta Anos de Amor e Melancolia* (2009) ou ainda o *Dicionário de Luís de Camões* (2011), obra coletiva que reúne contributos de mais de meia centena de investigadores de universidades nacionais e estrangeiras, por si concebida e dirigida.

Nestas obras, fruto de um labor de investigação e docência de várias décadas, encontram-se os temas principais a cujo estudo se dedicou e que constituem os alicerces dos modernos Estudos Camonianos: a questão da fixação do cânone lírico à luz de uma rigorosa abordagem filológica; o reconhecimento dos códigos petrarquista e neoplatonista na construção da mundividência e do estilo do poeta; a importância das fontes manuscritas e da adoção de uma perspetiva comparatista face à poesia espanhola do mesmo período; a reabilitação de Faria e Sousa e dos seus comentários; a interpretação de episódios-chave da épica e do significado de mitos e temas clássicos quer n’*Os Lusíadas*, quer nas *Rimas*; a receção da obra de Camões e as suas relações com outras comunidades literárias; a presença e a pertinência da poesia do autor nos programas escolares e universitários - eis alguns desses temas que se impõe mencionar, por representarem o legado intelectual inalienável de quem, como o Prof. Aguiar e Silva, se dedicou com paixão e sabedoria à leitura de Camões, e mais se lhe dedicaria, *se não fosse, para tão longo estudo, tão curta a vida*.

In Memoriam

Orlando Grossege

Os Estudos Germanísticos da Universidade do Minho devem ao Prof. Vítor Aguiar e Silva a sua criação, iniciada em termos de corpo docente e gestão com a minha contratação em novembro de 1990. Mais de duas décadas depois, tive a honra de ajudar a desenvolver o Centro de Estudos Humanísticos e a revista *Diacrítica*, sempre tentando dar a melhor continuação à sua obra fundadora. Neste sentido, pareceu-me o mais natural atribuir o seu nome à biblioteca por ele criada quando passou a servir ambos os centros da investigação do ELACH. O que veio a acontecer. Encontrando-me no momento do seu falecimento e no dia do funeral em missão ao Brasil, apenas lhe pude dedicar *in memoriam* a conferência proferida na abertura do X Colóquio do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Federal do Paraná. Diante do público de docentes, investigadores e alunos reunidos nessa ocasião em Curitiba, lembrei os meritos do Prof. Vítor Aguiar e Silva para o desenvolvimento dos Estudos Literários. A sua obra continua a ser uma referência incontornável para todos nós, no presente e no futuro.

In Memoriam

Oswaldo Manuel Silvestre*

Durante vários anos visitei a Universidade do Minho para me encontrar com o Professor Vítor Aguiar e Silva, então meu orientador de doutoramento. Desde que fora seu aluno de Teoria da Literatura, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tinha ficado claro para mim que não desejava outro orientador. Assisti, nesse período, à edificação do campus de Gualtar e recordei uma visita guiada com o Professor pelos edifícios em construção. Não esqueci o brilho dos seus olhos quando falava da obra que ali crescia e do que sonhava para a UM e, em particular, para a área das Humanidades. Tive muitas vezes a sensação de que o trabalho na reitoria o inibia de escrever tudo aquilo que tinha dentro dele e, com outros orientandos seus, lamentei o tempo excessivo que dedicou à administração universitária. Contemplando, porém, a obra que nos deixa com o recuo de que dispomos hoje, é claro que essa dedicação não o inibiu de produzir imenso, mesmo após a sua aposentação. Mais do que isso, percebo que tudo isso faz um particular sentido na sua dedicação à academia: edificar disciplinas e áreas do saber (sobretudo, a Teoria da Literatura), ajudar a canalizar financiamentos e a levantar edifícios, saber articular a função de uma biblioteca com a das publicações que ela alimenta, recrutar jovens docentes e criar as condições para que eles pudessem voar por si mesmos.

E, com tudo isso, e sem ceder a demagogias muito frequentes na universidade, conseguir deixar uma marca nos seus estudantes. Uma marca intelectual, claro; mas também, e gostava de enfatizar no dia de hoje, uma marca humana e pessoal, essa marca que fez com que em relação a muitos de nós ele funcionasse como uma estranha figura paterna, aparentemente distante, mas na verdade sempre atento e apreciador dos desafios que as novas gerações lhe colocavam. Aconteceu-me muitas vezes, ao escrever um texto, imaginar (e por vezes rezear) a reação do professor Aguiar e Silva ao lê-lo. Quase sempre ele me surpreendeu com a reação contrária ao que imaginava, lendo-me com uma generosidade que me desconcertava. Estou certo de que nada mudará nessa nossa relação a partir de agora.

* Diretor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Sobre a (Im)possibilidade de uma Poética Gerativa

Pilar Barbosa

Profundo conhecedor das principais correntes da linguística moderna e seus fundamentos epistemológicos, o Professor Vítor Aguiar e Silva dedicou um interessante estudo ao conceito chomskyano de *Competência Linguística* e sua eventual extensão ao domínio da poética e dos estudos literários. O ensaio *Competência Linguística e Competência Literária – Sobre a Possibilidade de uma Poética Gerativa* (Coimbra, Almedina, 1977), considera os princípios essenciais do programa de investigação em Gramática Gerativa das décadas de 60 e 70 e examina criticamente as principais tentativas de transferência de algumas destas noções para o campo da poética e da literatura (Bierwisch, 1970; Beaver, 1974; Dijk, 1971, 1972; Ihwe, 1972, 1975; Klein, 1974)*.

Na apresentação que faz do conceito chomskyano de competência linguística, Vítor Aguiar e Silva presta especial atenção à sua relevância epistemológica. No contexto norte-americano de meados dos anos 50 do século passado, as teorias de Noam Chomsky representaram uma rutura com o paradigma dominante, o estruturalismo de base comportamentalista, através da observação de que as teorias empírico-positivistas não explicam satisfatoriamente uma das propriedades fundamentais das línguas naturais, o seu poder ‘criativo’, i.e., o uso potencialmente infinito de meios finitos, que Chomsky (1955) demonstrou ser formalizável em termos dos mecanismos recursivos utilizados em linguagens definidas pelos sistemas formais da lógica matemática.

Nas palavras de Vítor Aguiar e Silva, ao salientar a discrepância existente entre os dados da experiência e o conhecimento atingido pelo falante nativo de uma língua, Chomsky “levanta um problema de ordem superior que assume a maior importância na epistemologia contemporânea: o problema (...) de saber se a indução oferece a garantia lógica de, partindo-se de enunciados básicos ou observacionais verdadeiros (...) se alcançar uma teoria explicativa universal que seja verdadeira ...” (Silva, 1977: 25). Neste contexto, Vítor Aguiar e Silva discute o racionalismo crítico de Karl Popper, segundo o qual não é possível demonstrar empiricamente que uma dada teoria explicativa é verdadeira, embora o confronto com os dados da experiência possa constituir prova da sua falsidade. O critério da falseabilidade é, assim, uma forma de distinguir entre teorias genuinamente científicas, que são passíveis de refutação ou falseáveis, e teorias metafísicas, que o não são. Daqui resulta que uma teoria explicativa é necessariamente provisória, conjectural e hipotético-dedutiva.

É esta filosofia que Noam Chomsky adota ao introduzir a noção de gramática gerativa de uma língua particular, entendida como uma teoria acerca do sistema de conhecimentos interiorizado na mente do falante nativo. Dada a complexidade e especificidade da natureza do conhecimento linguístico face às limitações dos dados da experiência, Chomsky coloca a hipótese de que existe uma componente da mente/cérebro especificamente dedicada à linguagem – a Faculdade da Linguagem – a qual é concebida “como uma componente inata da mente humana que origina uma língua particular pela interação com a experiência vivida, ou ainda como um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento atingido: conhecimento de uma ou de outra língua” (Chomsky, 1986:3). Da interação entre a Faculdade da Linguagem e a exposição aos dados da experiência de uma língua particular, resulta o sistema de conhecimentos interiorizados do falante nativo ou estado estável, a sua *competência* linguística. Chomsky propõe que estes estados da mente têm propriedades computacionais, isto é, que o cérebro manipula representações abstratas ou simbólicas, as quais não são diretamente visíveis ou acessíveis à consciência, mas se traduzem na associação de um dado significado a uma dada cadeia sonora.

Como nota Vítor Aguiar e Silva, esta conceção da competência linguística exclui a noção de contexto situacional no sentido lato, que inclui “as convenções, crenças e pressuposições pragmáticas características da comunidade linguística a que pertencem o emissor e recetor e por

* Ao longo do texto, Vítor Aguiar e Silva usa o termo *Gramática Gerativa* em lugar de *Gramática Generativa*, designação vulgarmente adotadas em Portugal, entre os linguistas. Neste texto, é usado o termo escolhido pelo autor.

eles partilhadas” (Silva, 1977:80) e ainda a consideração de fatores históricos, sociais e culturais. Na dicotomia estabelecida por Noam Chomsky entre *língua interna* e *língua externa*, tais fatores correspondem à língua externa e ocupam um papel residual na construção de uma teoria da língua interna.

Ciente desta dificuldade, Vítor Aguiar e Silva adverte para os problemas epistemológicos e lógicos que advêm da transferência para o domínio da teoria literária do conceito chomskyano de competência. Em seu entender, a interdisciplinaridade entre a linguística e a literatura só pode desenvolver-se com fecundidade no quadro de uma teoria semiótica geral, como a proposta por Eco (1975), uma teoria que seja capaz de descrever e explicar os processos de semiose literária, os quais, para além de possuírem propriedades relacionadas com a natureza biológica da espécie e envolverem categorias de validade universal, constituem fenómenos históricos e sociais que só podem ser compreendidos se correlacionados com a “totalidade histórico-social de que fazem parte” (Silva, 1977:151). Tal teoria será forçosamente inconciliável com a formulação de uma hipotética poética “gerativa” de inspiração chomskyana.

Referências

- Beaver, Joseph C. (1974). Generative metrics: The present outlook. *Poetics*, 3, 7-28.
- Bierwisch, Manfred (1970). Poetics and Linguistics, in Donald C. Freeman (ed.), *Linguistics and Literary Style*. New York: Holt, Rinehart & Winston. 97-115.
- Chomsky, Noam (1955) The Logical Structure of Linguistic Theory. PhD Dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia, Pennsylvania.
- Dijk, Teun Van (1971) Some problems of generative poetics. *Poetics*, 1, 3-35.
- Dijk, Teun Van (1972) *Some Aspects of Text Grammars: A Study in Theoretical Linguistics and Poetics*. The Hague — Paris, Mouton.
- Eco, Humberto (1975) *Trattato di semiotica generale*. Milano: Bompiani.
- Ihwe, Jens (1972). On the foundations of a general theory of narrative structure. *Poetics*, 1, 5-14.
- Ihwe, Jens (1975). On the foundations of ‘generative metrics’. *Poetics*, 12, 29-48.
- Klein, Wolfgang (1974). Critical remarks on generative metrics. *Poetics*, 3, 29-49.
- Silva, Vítor M. Aguiar e (1977). *Competência Linguística e Competência Literária – Sobre a Possibilidade de um Poética Gerativa*. Coimbra: Almedina.

No momento em que conheci a pessoa que havia escrito a Teoria da Literatura, quando o nome de Vítor Aguiar e Silva passou a ter um rosto, o que mais me impressionou foi o olhar luminoso do Professor, um olhar sereno e muito atento, que parecia medir palavras e silêncios. Foi em setembro de 1994, eu iniciava funções como assistente estagiária na Universidade do Minho, e a primeira imagem que guardo desse encontro, que seria para mim decisivo, é a desse olhar concentrado em tudo. Durante muitos anos, vi esse olhar fulgurante, arguto, nas suas aulas, quando apresentava conferências, quando se entusiasmava em conversas, quando só ouvia e não dizia nada. Era o olhar de um leitor do mundo muito cuidadoso e vigilante.

Num dos raros momentos em que em público falou sobre a sua vida pessoal, na entrega do prémio Vergílio Ferreira, na Universidade de Évora, em 2003, o professor Aguiar e Silva recordou a mãe que o ensinara a ler. A evocação reconhecia a importância dessa alegria inicial, a da possibilidade da leitura. Na magnífica fotografia da sua filha Joana, e com que a Universidade do Minho nos deu a desoladora notícia da sua partida, eu vi essa alegria: a do leitor extraordinário que foi o Professor Aguiar e Silva sempre foi. Nessa fotografia, rodeado de livros e de notas, de pilhas de volumes e de cadernos, que se multiplicam nas estantes, na secretária, no chão, no meio de um mundo imenso de papéis, surge a figura do Professor, debruçado sobre uma página. O gesto mostra a concentração, todo o corpo converge para a leitura, a serenidade do leitor suspende a confusão de tudo o que o envolve. Ali respira-se o ritmo pausado do trabalho paciente e amoroso que, a partir do múltiplo e do disperso, cria sentido. Vemos, no leitor, o anúncio do autor, recolhendo pistas, reptos, tecendo pensamento novo.

Ao longo da sua vida académica, o Professor soube manter-se sempre fiel a esta exigência e a esta dedicação, o que é extraordinário se pensarmos que não viveu fechado no seu escritório e, pelo contrário, agiu com determinação sobre o mundo: foi um professor exemplar, um académico que sempre pensou a academia e que ajudou a construí-la, teve cargos públicos de relevo e em tudo foi excelente. Além disso, podemos ver, no meio da selva escura dos papéis, uma fotografia do casamento, sinédoque da família, a que era tão dedicado e de que se orgulhava tanto.

Mas talvez esta fidelidade ao momento do encontro e do diálogo que sempre é a leitura, na sua exigência de silêncio e concentração, tenha dado ao Professor Aguiar e Silva a medida da distância certa a que devia ficar o ruído do mundo se queremos ler o mundo. O Professor Aguiar e Silva tinha a enorme sabedoria de manter o barulho do mundo longe de si: não o provocou, não se deixou afectar por ele. E essa terá sido uma condição indispensável para poder pensar o tempo e as suas circunstâncias de uma maneira tão limpa e a agir sempre de uma forma tão recta.

Os que trabalharam com o Professor Aguiar e Silva sabem que puderam seguir cada um o seu o seu caminho, livres, sem serem levados a tentar reproduzir o seu modo ou o seu estilo. Também nesta fotografia vejo essa lição de liberdade, na imagem feliz dessa solidão partilhada necessária ao autêntico trabalho intelectual.

Agradeço esta fotografia, porque ela nos mostra um bocadinho os bastidores do que conhecemos tão bem: as aulas magistrais, os ensaios rigorosos e fecundos, a obra que ao longo de décadas foi enriquecendo gerações de alunos e investigadores, a obra que foi reconfigurando os estudos literários em língua portuguesa. Largo mundo alumiado foi o título dado ao volume que celebra o muito que devemos aos seus ensinamentos. Todos beneficiámos dessa luz. Mas todos lhe devemos sobretudo o exemplo dessa rectidão e dessa inteireza, dessa generosidade e dessa persistência, para além das condições mais imediatas. Esse foi o largo mundo que alumiou. Na fotografia, vejo essa luz, a pura alegria de ler, de aprender sempre, a promessa de mais um ensaio na sua caligrafia muito sóbria, a possibilidade de um artigo decisivo. Lamento a obra que o Professor Aguiar e Silva não concluiu, mas agradeço sobretudo tudo o que fez e o que nos foi. Agradeço o exemplo como professor e como académico. Agradeço comovidamente a sua amizade. Agradeço tudo o que fica e é muito. Por tudo, senhor Professor, bem-haja.

O Professor Vítor Manuel Aguiar e Silva, não há como negá-lo, é, como se esta lhe fosse intrínseca ou congenial, indissociável da afirmação da área disciplinar da Teoria da Literatura em Portugal. Não só por ter sido um distinto teórico do fenómeno literário, mas também, e sobretudo, por ter desempenhado um papel fundador na legitimação científica deste domínio entre nós. Não será ocioso, a esse propósito, recordar estas significativas e esclarecedoras palavras de um dos seus mais brilhantes discípulos: «O tropo maior do trabalho pioneiro de Vítor Aguiar e Silva – um tropo cujo funcionamento em sala se tornou seguramente inesquecível para quem a ele pôde assistir – é o da *terraplanagem*. Aguiar e Silva procede tipicamente por uma «limpeza de florestas», abrindo o campo e reconstituindo (ou melhor: construindo) minuciosamente a genealogia do objecto teórico em pauta. Trata-se de um procedimento exigido pela lógica fundadora do seu trabalho [...]» (Oswaldo Manuel Silvestre, «Prefácio» in Ricardo Namora, *40 Anos de Teoria da Literatura em Portugal*, Coimbra, Almedina, 2011, p. 17).

E não deixa de ser impressionante a magnitude do sucesso da *Teoria da Literatura* do Professor Aguiar e Silva, se avaliada pelas sucessivas reedições e reimpressões da obra. Dir-se-á que essa boa fortuna editorial se deveu à sintonia do seu inegável merecimento científico-didático, que fez com que bem depressa o livro adquirisse o estatuto maior de referência bibliográfica incontornável, com a institucionalização, num oportuno período de massificação do Ensino Superior, da unidade disciplinar Teoria da Literatura nos cursos de Letras.

Este favorável contexto de produção/receção, através do qual a *Teoria da Literatura* se tornou efetivamente performativa do canonato da disciplina homónima, não explica, porém, em boa verdade, a razão última da invulgar longevidade de uma obra que não equivale, nos seus tópicos e assuntos, a um livro de uso e manual escolar. Até porque o sucesso da *Teoria da Literatura*, que viria a merecer a distinção de figurar entre os 100 melhores livros publicados em Portugal no século passado, não se ficou pelo retângulo luso: traduzida para diversas línguas, foi propulsão para uma invejável carreira internacional. Proeza, como sabemos, raramente reservada a autores portugueses e, menos ainda, quando estes assinam livros científicos.

E o caso não é para menos: assente num irrepreensível rigor epistémico a compasso com uma modelar clareza discursiva, aberta às múltiplas matérias sobre as quais se erige o saber teórico literário, trata-se de uma *Teoria* marcada pelo investimento reflexivo e nessa medida perfeitamente avessa à tentação da ortodoxia doutrinária. Razão pela qual, de resto, ao longo de décadas, foi sendo substancialmente reformulada com revisões essenciais. Pois, como bem cedo aprendi nas magistrais aulas do Professor Aguiar e Silva, o mundo dos estudos literários é alheio a sentidos estáveis e referências invariantes; é um mundo, enquanto capital teórico, cultural e estético, sujeito, tanto do ponto de vista sincrónico como diacrónico, a profundas variabilidades, ou não fosse o discurso literário um discurso pautado por virtualidades semânticas e estéticas. Não surpreende, assim, que a *Teoria* do Professor Aguiar e Silva, mais do que um inventário de conceitos ou de sistematização teórica, problematize e reposicione questões; examine possibilidades e refute inconsistências teórico-críticas.

Resta, para os muitos leitores do Professor Aguiar e Silva, a decepção por a sua *Teoria* falhar numa promessa, muito aguardada, todavia, jamais cumprida: a publicação do segundo volume. Mas na verdade, já dispomos desse segundo volume: veio-nos sob a forma de um conjunto notável de ensaios de teoria literária incluídos na sua obra de despedida (*Colheita de Inverno. Ensaios de Teoria e Crítica Literárias*, Almedina, 2020, pp. 9-396). Em cada um, o Professor Aguiar e Silva, completamente solto daquela eventual racionalidade de cariz positivista que caracterizava um tanto os seus primeiros textos teóricos (veja-se o modo como, em dois ensaios luminosos, “A retórica e a poética da desconstrução” e “A teoria da desconstrução, a hermenêutica literária e a ética da leitura”, revela justificada abertura perante o desconstrucionismo), demonstra uma clarividência – talvez, em rigor, devêssemos escrever: sabedoria – teórica exemplar.

Estes textos finais, e imprescindíveis, são, não se duvide, a coroação de uma vasta e densa obra que, como poucas, nos ajuda nessa incumbência, por definição inacabada, que consiste em

pensar as condições de existência dessa forma específica de expressão e comunicação artísticas denominada literatura.

El Profesor Aguiar e Silva en la Memoria

Tomás Albaladejo*

En mi Licenciatura en la Universidad de Murcia estudié el libro *Teoría de la Literatura* del Profesor Vitor Manuel de Aguiar e Silva en traducción española de Valentín García Yebra publicada por Editorial Gredos. Conocí personalmente al Profesor Aguiar e Silva en 1987 cuando, enterado de que él iba a dar una conferencia en el Colegio Oficial de Doctores y Licenciados de Madrid, viajé de Valladolid a Madrid para escucharlo. Posteriormente, tuvo la amabilidad de aceptar formar parte de tribunales de tesis doctorales en la Universidad de Valladolid y en la Universidad Autónoma de Madrid, en las cuales también pronunció varias conferencias. En marzo de 1998 me invitó a formar parte de la Comissão de Aconselhamento del Centro de Estudos Humanísticos que él fundó en la Universidade do Minho y dirigió durante varios años. Gracias a ello tuve el honor de compartir las actividades de dicha Comissão con muy ilustres y prestigiosos profesores y nació una larga y profunda amistad con muchos de sus miembros. Las reuniones anuales de la Comissão y los Colóquios de Outono que el Profesor Aguiar e Silva puso en marcha constituyeron felices y gratísimas ocasiones para escucharle y dialogar con él. Aprendí de él a leer a Camões y también a hacer una nueva lectura del Quinientos peninsular. Siempre serán objeto de mi gratitud la generosidad con la que el Profesor Aguiar e Silva apoyó a mis mejores estudiantes en las solicitudes de becas del Gobierno de Portugal para estancias de formación e investigación en la Universidade do Minho y la atención constante que les prestó durante las estancias y continuamente después de las estancias. Su interés por explicar las genealogías en la Península Ibérica de la Teoría de la Literatura, su visión comprehensiva de los Estudios Literarios, su fineza intelectual, su extraordinaria capacidad crítico-literaria, sus amplias perspectivas teórico-literarias, su vastísima cultura y sus incomparables cualidades humanas hacen del Profesor Aguiar e Silva una persona y un intelectual imprescindible en los Estudios Literarios y en el pensamiento actual de nuestros dos países ibéricos, así como en su proyección internacional. El Profesor Aguiar e Silva nos ha dejado, pero él sigue vivo en nuestra recordación y en nuestra memoria, en la que tiene un primerísimo e imperecedero lugar.

Madrid, 27 de septiembre de 2022

* Profesor Catedrático de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada de la Universidad Autónoma de Madrid